

A Contabilidade e as suas Interdisciplinaridades: 6 – Economia

Joaquim Fernando da Cunha Guimarães

Janeiro de 2010

Jornal AIMINHO n.º 106, de Março de 2010, p. 19
Revista Electrónica INFOCONTAB N.º 49, de Janeiro de 2010

“Hoje em dia, poucos haverá que neguem a importância do papel que a contabilidade desempenha na investigação económica.”

A frase supra, da autoria do grande Mestre da Contabilidade do século passado, Fernando Vieira Gonçalves da Silva¹, proferida numa conferência, em 6 de Outubro de 1952 (já decorreram mais de 57 anos!), na sede do Sindicato Nacional dos Comercialistas (Fig. 1)², constitui, sem dúvida, um bom ponto de partida para abordarmos a interdisciplinaridade entre a Contabilidade com a Economia. O Mestre interrogava-se³:

“.../... Não constituirá um facto cem vezes demonstrado que os registos contabilísticos são frequentemente a única ou principal fonte para reconstruir a história económica das empresas, das cidades ou das nações? Quem duvida da importância da chamada Política Económica Quantitativa e o brilhante futuro da recém-nada Contabilidade Nacional?...”

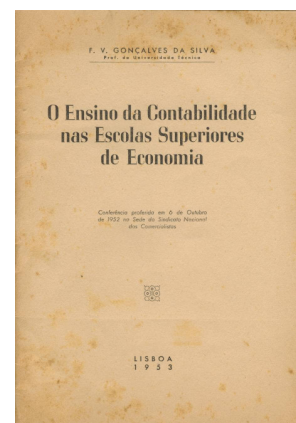


Fig. 1

Um facto que recentemente vivemos onde foi relevada a importância da Contabilidade na análise económica e na história económica, ocorreu no “*I Encuentro Internacional Luca Pacioli de Historia de la Contabilidad*”⁴, em que três das sete comunicações, apresentadas por Professores Catedráticos espanhóis de História Económica, salientaram essas estreitas ligações.

¹ GONÇALVES DA SILVA, Fernando Vieira: O Ensino da Contabilidade nas Escolas Superiores de Economia, separata da *Revista de Contabilidade e Comércio* n.º 81, de Janeiro/Março de 1953, p. 17.

² Nos menus “Contabilidade/Ensino” e “Ensino” dos nossos *Portais INFOCONTAB e INFOCONTAB-HISTÓRIA*, respectivamente, disponibilizamos o texto integral desta separata. De notar que o Sindicato Nacional dos Comercialistas foi constituído em 15 de Junho de 1935, tendo, mais tarde, dado origem ao Sindicato dos Economistas, que de acordo com informações constantes do sítio em www.sindicatodoseconomistas.pt, é “herdeiro da prestigiada Associação dos Comercialistas Portugueses” constituída em 1913, sendo também considerada embrionária da Associação Portuguesa dos Economistas e, posteriormente, da Ordem dos Economistas (ver referências no sítio em www.ordemeconomistas.pt).

³ GONÇALVES DA SILVA, Fernando Vieira: *ob. cit.*, p. 17.

⁴ Realizado no dia 19 de Junho de 2009, em S. Lorenzo de el Escorial, Madrid, organizado pela Asociación Española de Contabilidad y Administración de Empresas (AECA) e pela “Revista Decomputis - Revista Electrónica Espanhola de História da Contabilidade” (endereço em www.decomputis.es). Participámos em representação da Comissão de História da Contabilidade da Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas, a qual, além de nós (Vogal), integra as Professoras Doutoras Lúcia Lima Rodrigues (Presidente) e Leonor Fernandes Ferreira (Vogal). Também esteve presente o Presidente da Direcção da Câmara dos TOC, António Domingues de Azevedo.

Essa relação poderá ser interpretada sob duas acepções: microeconómica (também designada de economia industrial e de economia de empresa) e macroeconómica (“economia nacional”).

A este propósito, Cruz Vidal, num pequeno livro sob o título “O Ensino das Ciências Empresariais em Portugal”⁵, sublinhou⁶:

“Pombal, quiçá pela dura imposição das circunstâncias, preocupou-se menos com as teorias e com o que poderíamos chamar, avant la lettre, a macro-economia, para concentrar todo o seu cuidado à aplicação prática, às realidades concretas, e foi talvez, desta forma, o primeiro micro-economista da Europa e do Mundo.”.

Esta referência histórica a Marquês de Pombal, relevando a maior importância da microeconomia em detrimento da macroeconomia, deve ser interpretada à luz de comentários anteriores de Cruz Vidal, o qual se referiu à “Aula do Comércio”⁷ como o primeiro estabelecimento onde se ministrou o Comércio e a Contabilidade, ou, como refere o autor “...das então incipientes ciências empresariais”, sublinhando⁸:

“Entretanto, e apesar de todos os factores negativos que atrás referi, pode verificar-se que as obras dos mestres de Contabilidade de então eram perfeitamente conhecidas em Portugal, pelo menos pelos espíritos mais cultos. Encontram-se, por exemplo, nos livros do nosso grande matemático do século XVI, Pedro Nunes, referências expressas aos trabalhos de Cardan e Luca Paciolo.”.

Não querendo alargar sobre esse facto, registamos, ainda, que o Professor Alan Sangster tem dedicado os seus últimos anos de investigação à vida e obra de Luca Pacioli, de seu nome completo Luca Bartolomeo de Pacioli, revelando o quanto ainda falta descobrir, tendo apresentado uma comunicação⁹ no referido “*I Encuentro Internacional Luca Pacioli de Historia de la Contabilidad*”, e terminado a sua intervenção com a seguinte frase:

“Na verdade, quanto maior for o conhecimento da vida e obra de Luca Pacioli, maior será, com certeza, o conhecimento da Contabilidade e da Matemática, e, obviamente, das suas relações.”.

⁵ Disponibilizamos o texto integral desta separata nos menus “Revista Electrónica/Revista n.º 2, de Setembro de 2005” e “Revista Electrónica/Revista n.º 0, de Julho de 2009” dos nossos Portais INFOCONTAB e INFOCONTAB-HISTÓRIA, respectivamente.

⁶ CRUZ VIDAL, Caetano Léglise: O Ensino das Ciências Empresariais em Portugal, *Separata da Revista de Contabilidade e Comércio* n.º 185/6, de 1984, p. 74.

⁷ Os Estatutos da Aula do Comércio estão disponíveis nos menus “Contabilidade/História/Estatuto da Aula do Comércio” e “Ensino/Aula do Comércio”, dos nossos Portais INFOCONTAB, e INFOCONTAB-HISTÓRIA, respectivamente.

⁸ CRUZ VIDAL, Caetano Léglise: *ob. cit.* p. 72

⁹ Por gentileza do Professor Alan Sangster e do Professor Esteban Hernandez Esteve (Presidente da Comissão de História da AECA e Director da *Revista Decomputis*), disponibilizamos o texto da comunicação no menu “Revista Electrónica/Revista N.º 44, de Junho de 2009” do nosso Portal INFOCONTAB e no menu “Revista Electrónica/Revista n.º 0, de Julho de 2009” do nosso Portal INFOCONTAB-HISTÓRIA.

Na verdade, Luca Pacioli que é considerado por muitos “o Pai da Contabilidade” era considerado, prioritariamente, um matemático (Pai da “Matemática”!), como se deduz da sua brilhante obra *Summa di Arithmetica, Geometria Proportioni et Proportionalità*, edição de Paganino de Paganini, em Veneza, 10 de Novembro de 1494.

Cruz Vidal desenvolve a importância dos seus contributos na economia da empresa, na altura pouco relevada pelos economistas, sublinhando que foram os contabilistas que iniciaram a análise sistemática da empresa, da sua estrutura e das suas actividades internas e externas. Ou seja, a Contabilidade e os contabilistas procuraram captar os factos concretos, analisando a sua sucessão lógica no tempo e integrando-os dentro de um sistema certo e, a este propósito, referiu¹⁰:

“Não foi, decerto, por acaso, que os fundadores da Economia da Empresa vieram, todos eles, da Contabilidade: bastará recordar – entre outros – os nomes de Schmalenback, na Alemanha, de Gino Zappa, na Itália, de Limperg, na Holanda, e, mais recentemente, os que vieram conferir-lhe o seu estatuto actual, com Erich Schneider e Gutenberg, na Alemanha, Giannessi, Cassandro e D’Ippolito, em Itália, e Fernandez Pirlo, em Espanha.”

Neste contexto, poderemos afirmar que a Contabilidade foi a “mãe” da “Economia da Empresa”.

No mesmo sentido, Gonçalves da Silva enfatiza o Professor italiano do Instituto Superior de Economia e Comércio de Veneza, Gino Zappa, que numa conferência sublinhou¹¹:

“A nossa ciência estuda as condições de existência e as manifestações de vida dos organismos económicos (aziende). E a ciência da administração económica das «aziende», ou, mais simplesmente, a economia aziendale.”

Do ponto de vista macroeconómico teremos, como é óbvio, de relevar a importância da Contabilidade na definição dos diversos agregados macroeconómicos subjacentes à designada “Contabilidade Nacional”, nomeadamente os indicadores de equilíbrio económico.

Retomando Gonçalves da Silva¹², o Mestre elenca diversos economistas de renome internacional¹³ da época, destacando Proudhon que considerava a Contabilidade como “*uma das mais belas e felizes aplicações da metafísica*”, e afirmando que a Contabilidade está para a Economia Social como a Álgebra para a Geometria e o Processo para a Justiça.

Ainda de acordo com Gonçalves da Silva, Proudhon trabalhou muito tempo como contabilista, e, ao que parece, foi mesmo o exercício desta profissão que o levou,

¹⁰ CRUZ VIDAL, Caetano Léglise: *ob cit.* pp. 75 -76.

¹¹ GONÇALVES DA SILVA, Fernando Vieira, *ob. cit.*, p. 13.

¹² GONÇALVES DA SILVA, Fernando Vieira, *ob. cit.*, pp. 27-9.

¹³ Apresenta nomeadamente os nomes de Baptiste Say, Samuelson, Léon Say, Pantaleoni, Courcelle-Seneuil, Conde, Loria, Perroux, J.P. Proudhon, Werner Sombart e Irving Fisher.

posteriormente, para o campo da especulação económica, o que justifica as suas constantes e elogiosas referências à Contabilidade, considerando-a não como simples método da observação económica mas sim como verdadeira economia aplicada. Ou seja, a formação contabilística de Proudhon contribuiu para a sua afirmação como economista.

Depois de destacar, também, Sombart, Gonçalves da Silva refere-se a Irving Fisher, Professor americano da Universidade de Yale, sublinhando que, mais do que qualquer outro, contribuiu para “*o actual e geral reconhecimento do seu valor como alfaia científica*”. Posteriormente, Gonçalves da Silva descreve algumas das suas frases e conclui que já houve quem, com justeza, chamasse a Fisher “*o grande contabilista da economia*”¹⁴.

Ainda neste contexto, Carqueja sublinha¹⁵:

*“Quando a globalização é derrubar de fronteiras, alterando estruturas de produção e comércio, dominam as preocupações dos economistas, não será altura de procurar o apoio do conhecimentos das práticas comerciais? **A contabilidade é um suporte fundamental da organização económica em que vivemos, e não se compreende como podem os economistas trabalhar sobre a realidade sem adequada formação para o entender. Já deveriam ter sido ajustados os elencos escolares mas, embora tarde, é melhor agora que depois: as escolas de economia devem cuidar da formação dos economistas e esta implica uma boa compreensão da contabilidade. Quando a contabilidade emerge, cercando toda a actividade económica, é indispensável compreendê-la.***”.

Sendo Carqueja, indiscutivelmente, um dos principais investigadores portugueses da teoria da Contabilidade da actualidade, ultimamente com incursões especiais e relevantes pela História da Contabilidade¹⁶, com o qual temos tido o prazer de privar e aumentar a nossa ignorância, e sendo a sua formação de base em economia¹⁷, melhor compreenderemos a relevância dos seus comentários no que tange à importância da Contabilidade na Economia.

No mesmo âmbito, Lopes de Sá¹⁸ realça:

¹⁴ GONÇALVES DA SILVA, Fernando Vieira, *ob. cit.*, pp. 31-2. Gonçalves da Silva destaca, ainda, que se deve a Fisher a primeira teoria económica do cálculo actuarial e da Contabilidade.

¹⁵ CARQUEJA, Hernâni O., em editorial, sob o título “Contabilidade e Economistas”, da *Revista de Contabilidade e Comércio*, n.º 229, Vol. LVIII, de Outubro de 2001, p.5. Os negritos são do autor.

¹⁶ Nos últimos anos Carqueja tem também elaborado importantes investigações na área da História da Contabilidade, efectuando as devidas ligações à Teoria da Contabilidade.

¹⁷ É licenciado em Economia pela Faculdade de Economia do Porto (FEP), da qual foi docente até ao ano de 2007, é Revisor Oficial de Contas (ROC) N.º 1 e um dos fundadores da então Câmara dos ROC, da qual foi Presidente do Conselho Directivo, sendo, ainda, consultor de empresas e actual Director da Revista de Contabilidade e Comércio, a revista mais antiga na área da Contabilidade, publicada desde 1933.

¹⁸ LOPES DE SÁ, António, Diferenças Conceptuais Entre Econômico e Contábil, artigo disponível no sítio do Professor em www.lopesdesa.com.br, no menu “Contabilidade/Mestres-Professores/António Lopes de Sá (1927 - ...)/Artigos” do nosso Portal INFOCONTAB e no menu “Mestres-Professores/António Lopes de Sá (1927 - ...)/Artigos” do nosso Portal INFOCONTAB-HISTÓRIA.

“Importante é aplicar adequadamente os conceitos de “económico” e “contábil” posto que em realidade referem-se a julgamentos distintos.

Relevante é a concepção feita sobre Economia e Contabilidade; como cada uma dessas ciências possui objeto, finalidade e método bem definidos, a terminologia tais pertinências deve observar.

Indagações sobre a economia clássica, a moderna e os avanços doutrinários da Contabilidade ensejam nítida idéia sobre os valores conceituais referidos.”.

Cañibano Calvo¹⁹ apresenta a seguinte definição de Contabilidade, na qual é notória a sua ligação com a Economia:

“A contabilidade é uma ciência de natureza económica que tem por objecto produzir informação, para possibilitar o conhecimento passado, presente e futuro da realidade económica em termos quantitativos e qualitativos a todos os seu níveis organizativos, mediante a utilização de um método específico apoiado em bases suficientemente testadas, com o fim de facilitar a adopção das decisões financeiras externas e as de planificação e controlo internas.”.

De sublinhar ainda que não é por acaso que nos cursos superiores de Contabilidade e de Gestão, são leccionadas disciplinas de Economia (v.g. introdução, microeconomia, macroeconomia), embora o contrário nem sempre se verifique, i. e, nem todas as licenciaturas de Economia, especialmente após a recente reforma do ensino com o Processo de Bolonha, incluem disciplinas de Contabilidade.

Nesta conformidade, não podemos deixar de registar o facto, cremos que singular, de a Direcção da Faculdade de Economia do Porto (FEP) ter tomado a decisão, há alguns anos, de incentivar a investigação em doutoramento na área da Contabilidade, sendo, um dos estabelecimentos de ensino de economia com maior número de doutores em Contabilidade²⁰.

Na verdade, a relevação contabilística dos factos patrimoniais pelo contabilista, em Portugal designado de Técnico Oficial de Contas (TOC)²¹, exige que o mesmo tenha um conhecimento do negócio dos seus clientes²², pelo que a percepção das envolventes internas e externas inerentes aos factos económicos (micro e macro) reveste-se de crucial importância.

¹⁹ CAÑIBANO CALVO, Leandro, Contabilidad, *Análisis de la Realidad Económica*, Ed. Pirâmide, Madrid, 1987.

²⁰ No menu “Contabilidade/Investigação/Doutoramentos” do nosso *Portal INFOCONTAB* e no menu “Investigação/Doutoramentos” do nosso *Portal INFOCONTAB-HISTORIA* disponibilizamos informações sobre os nomes, títulos das teses, datas e universidades.

²¹ Temos manifestado em alguns artigos a nossa preferência pela designação de “contabilista”.

²² Este facto sublinhámos em nosso artigo sob o título “O Conhecimento do Negócio nas Actividades dos TOC e dos ROC”, *Fiscal* n.º 6, de Junho de 2008 e disponível para download no nosso *Portal INFOCONTAB* nos menus “Actividades Pessoais/Artigos (download)/Por Título/N.º 226” e “Revista Electrónica/Revista n.º 27, de Janeiro de 2008”.

Em complementaridade, relevamos os seguintes comentários de Carqueja²³:

“...a economia estuda equilíbrios e condutas baseadas no pressuposto de decisão racional dos agentes económicos sobre o uso de recursos escassos, enquanto a contabilidade, embora também focada nos mesmos recursos, os bens económicos, é um sistema de informação, a quem os comportamentos só interessam se tiver que os considerar na representação que faz da riqueza, seja em prestação de contas ou outra informação sobre o conjunto de recursos em existência num momento, ou como conjunto de recursos gerados e/ou consumidos num período. Mas distinguir saberes não significa reconhecer que possam existir sem apoio no suporte que qualquer deles é para o outro.”.

Apelando também à Contabilidade como sistema de informações, PINHEIRO PINTO²⁴, refere:

“A contabilidade, como sistema de informação sobre os meios económicos ao dispor das unidades económicas, tende a evoluir em função da evolução da economia. Assim tem sido, na verdade, historicamente.”.

Em 1956 (passaram-se 54 anos!) Cimourdain de Oliveira²⁵, referia:

“A Contabilidade tem sido considerada em Portugal uma disciplina universitária de segunda linha, pois está ainda muito espalhada entre pessoas responsáveis a ideia de que ela não tem categoria científica para ser incluída nos quadros universitários, atitude mental que, porém, se vai modificando, sobretudo no estrangeiro mas também no nosso país, pois os economistas começam a compreender que a Contabilidade, como a Estatística, é uma ferramenta indispensável na investigação económica.”.

É óbvio que esta temática exigiria análises mais profundas sobre as relações entre as duas áreas do conhecimento, que, obviamente, não cabem neste espaço, pelo que apenas pretendemos sublinhar alguns dos seus aspectos históricos. Com efeito, estamos convictos que esta temática, poderia (deveria) ser objecto de investigação a nível de dissertação de Mestrado e tese de Doutoramento. Fica o repto lançado aos leitores.

Terminamos com mais uma frase de Gonçalves da Silva²⁶:

²³ CARQUEJA, Hernâni O., editorial sob o título “A Contabilidade e as Licenciaturas e Especializações em Economia e Finanças” da *Revista de Contabilidade e Comércio* n.º 231, Vol. LVII, de Abril de 2002, p. 517. Os negritos são do autor.

²⁴ PINHEIRO PINTO, José Alberto, O Papel da Normalização Contabilística em Portugal, *TOC* n.º 81, de Dezembro de 2006, pp. 23-9. É Professor convidado da Faculdade de Economia do Porto e da Universidade Católica Portuguesa (Porto), Revisor Oficial de Contas e Consultor Fiscal.

²⁵ CIMOURDAIN DE OLIVEIRA, Camilo: *Contabilidade Aplicada*, em comentários sob o título “Importância da Contabilidade nos Estudos Económicos”, preleções feitas no curso do 4.º ano de 1956/57 da Faculdade de Economia do Porto. O texto integral está disponível no menu “Mestres-Professores/Camilo Cimourdain de Oliveira (1912 - 2008)” do nosso Portal INFOCONTAB

²⁶ GONÇALVES DA SILVA, Fernando Vieira, *Curiosidades, Velharias e Miudezas Contabilísticas*, em texto sob o título “A Contabilidade e os Economistas”, 2.ª Edição, p. 239.

“Razão tem FOURASTIÉ quando afirma que «fazer economia sem contabilidade é fazer ciência sem observação».”.